

Ana Pérez-Quiroga

Made in Shangai

SANDRA VIEIRA JÜRGENS | sandravieirajurgens@gmail.com

Simultaneamente comuns e poéticos, os objectos encontrados de Ana Pérez-Quiroga problematizam a memória, a lembrança, o apego, e a partilha. Nesta conversa com a artista, ela conta-nos a sua experiência durante uma residência artística em Xangai e os pontos de partida da sua exposição “Chinoiserie”, patente na galeria 3+1, em Lisboa, até 21 de Fevereiro.

arqla: Esteve recentemente na China, numa residência artística como bolsreira da Fundação Oriente. Porquê Xangai?

Ana Pérez-Quiroga: Parecia-me ser a cidade mais cosmopolita da China e congregava o lado cosmopolita e contemporâneo com a história e marcas do passado, tanto o chinês como o europeu. Ou seja, Xangai parecia-me satisfazer a fórmula: conheça a China numa cidade. Mais tarde, acabei por ficar tão apaixonada pela cidade que nem sequer fui a Pequim. Percebi que era ali que tinha de ficar. Não podia perder energias a viajar muito, a dispersar-me. Já havia tanto para absorver que era importante conectar-me com aquela cidade.

arqla: O encontro com objectos, a prospecção de realidades e situações reais em permanente construção é uma das linhas essenciais do seu trabalho.

APQ: Os objectos são de facto a minha grande paixão, fascinam-me e prendem imediatamente o meu olhar. E sim, o meu trabalho decorre de uma prospecção, de uma procura, que às vezes é consciente, outras vezes, inconsciente. Quando cheguei a Xangai comprei uma bicicleta, que me custou apenas 9 euros e meio, e foi ela o meu meio de transporte. Na China, os transportes são muito baratos e com um euro podemos viajar de táxi durante horas, mas andar de bicicleta dá muito mais gozo. A mobilidade é completamente diferente e, neste caso, permitiu-me agarrar a cidade. Estava perfeitamente disponível, parecia uma esponja, absorvia tudo e além do mais sentia um cansaço que também libertava a mente.

arqla: Esta nova exposição na Galeria 3+1 acaba por surgir desta experiência. Pode falar-me dela?

APQ: A exposição chama-se “Chinoiserie”, o que é desde logo uma ironia porque tem a ver com a evocação dos estilos chineses no Ocidente e a inspiração fantástica sobre o que eles faziam. Nela apresento um trabalho que é constituído por vários pares de palmilhas com padrões diferentes que serão colocadas num sentido ascendente sobre 10 a 12 grandes rolos de pano de algodão. Sobre eles surgem igualmente fragmentos de textos de viagens, por exemplo excertos de *Os Lusíadas*, de *Dom Quixote* e de outras obras de literatura de viagem... Esta ideia de introduzir textos sobre viagens começou a surgir-me com a obra de um padre jesuíta do séc. XVII, chamado Athanasius Kircher, que foi à China, e pode considerar-se um dos últimos homens da tradição humanista das grandes viagens, da ideia de uma viagem num espaço geográfico mas também uma viagem interior. Na verdade, quando viajamos, quando conhecemos sítios diferentes, também mergulhamos dentro de nós. O diferente torna-nos estranhos a nós próprios e daí esta introdução de fragmentos escritos. Foi isso que me interessou.

Plasticamente também. As pessoas até podem não conseguir ler, mas isso não é importante. Esta peça chama-se “Après” e é a grande peça da exposição. Para além dela, mostro um grande saco, semelhante aos usados pelos chineses, que tem padrões azuis ou vermelhos aos quadrados. Cortei alguns destes sacos, abri-os e cosi-os e o resultado foi a realização de um muito maior. Tenho ainda uma outra peça que é a imagem do convite. São *stencils* que são usados na China, nas paredes das casas, dos prédios, nos postes de iluminação a anunciar serviços de construtores, de canalizadores, de electricistas, e onde figura o número de telemóvel de contacto. Na altura, quando os vi na rua, perguntei ao meu tutor, Simon Kirby, o que era aquilo, e percebi logo que era isto o que queria fazer. Criei dois *stencils* deste género - que, por dificuldade e equívoco na tradução, originaram três, “Artista Português”, “Artista Portuguesa” e “Arte Portuguesa”, onde se podia ler o meu número de telemóvel, e pintei-os nas paredes exteriores das nove melhores galerias de Xangai. E foi engraçado porque acabei por receber telefonemas de alguns galeristas que acharam a intervenção curiosa e me perguntavam: Será que isto é arte? Será arte ou publicidade?

arqla: Que diferenças notou em relação às instituições e à produção artística na China?

APQ: Os modelos são semelhantes sobretudo porque a maior parte dos chineses estuda fora, em Londres, em Nova Iorque e alguns deles em Paris, e mais tarde trazem esses modelos para a arte contemporânea da China. Actualmente também há muitos estrangeiros a desenvolver projectos de comissariado na China, trabalho para o qual são muito bem pagos e conseguem situar-se em posições de algum prestígio. A arte chinesa também não é diferente, as cópias são sempre cópias de modelos ocidentais com laivos de criatividade chinesa. Esse género de obras não surpreende, mas há propostas que sim. Adorei ver trabalhos que nunca tinha visto e que eram muito diferentes do que conhecemos, não apenas do ponto de vista conceptual mas plástico. Posso referir o trabalho de Ai Weiwei que é um clássico da arte chinesa, que produziu aquela obra com centenas de bicicletas, da marca *Forever*, um ícone na China, que é extraordinária. Ele produz trabalhos que se traduzem num olhar sobre a sociedade e o seu tempo, que plasticamente também resultam muito bem. Isso é realmente único. Existem depois as obras dos chamados cínicos que não me interessam nada. Durante a residência conheci muitos artistas e houve alguns que me surpreenderam muito. Não me lembro bem do nome de um deles, mas fazia recortes de papel oriental numa forma que estava muito próxima do design. Isso interessou-me bastante. Nem sequer fiquei com uma fotografia do seu trabalho mas gostaria de vir a colaborar com ele. Curiosamente, um amigo meu fez-me chegar algumas informações sobre o trabalho da Jac Leirner, que tem uma direcção muito semelhante a este tipo de pesquisas que adoro. Conceptualmente, gosto dessa ideia de retirar. É um projecto em que ela cortou sacos plásticos iguais aos que nos oferecem nas lojas ou com os jornais, e ao retirar toda a parte de linguagem escrita, ficaram apenas as asas e as barras laterais dos sacos. É uma artista muito sofisticada e formalmente muito interessante pois o trabalho é muito limpo. Na verdade, interessaram-me cada vez mais os



Ana Pérez-Quiroga, "O Inglês de hoje", 2008. Da série "Vrais objets trouvés, ou uma reflexão sobre as emoções". 9 vinis, papel, feltro, bordado c/ linha algodão. 61 x 120 cm

pequenos detalhes e atribui maior significado ao lado formal. Apercebo-me que o formalismo é cada vez mais importante para mim. Gosto da sofisticação na finalização das peças. Lembro-me de há três anos ter visto uma exposição no Pompidou de uns artistas muito ligados à estética *trash* que não me diz nada. Até posso reconhecer o seu valor mas enquanto abordagem não tem qualquer relevância para mim. Até me incomoda.

arqla: Isso nota-se em relação à série de objectos encontrados, a que dá uma finalização bastante cuidada. Gostava de falar sobre esses trabalhos que de alguma forma são paralelos a outra série, ao "Breviário do Quotidiano". Gostava que me falasse dessa direcção do seu trabalho que é uma das mais dominantes da sua prática artística.

APQ: Estamos sempre a falar de objectos do quotidiano. Mesmo quando falamos de peças como "Antes morta que burra", a referência são os objectos. São depurações do objecto, existindo um jogo entre um texto e um objecto. No caso destes objectos que eu encontro no quotidiano eles precisam de ser retirados do seu espaço e recolocados num outro. A abordagem não é meramente formal. Conto a história, digo como é que esses objectos foram encontrados, refiro o dia x, a hora y, e essa tabela é de alguma maneira necessária para os contextualizar. Depois há também um outro plano, que é o da valência desses objectos ao nível das emoções. E não me refiro apenas às emoções consideradas em termos canónicos, a ira, o amor, o ódio...

arqla: Poderá haver também uma vertente diarística nesse processo de recolha e recontextualização dos objectos encontrados? As frases que os acompanham carregam referências simbólicas. Será que as suas peças têm uma carga intimista?

APQ: Sim, interessa-me essa fusão arte-vida, nunca me afasto dela, até pelo contrário tento sempre encontrar-me nessa fusão. Mas não sei se o termo é intimista, tem mais a ver com experiências de vida, como se ansiasse por as tornar universais. Considero que qualquer artista tem esta ideia, pelo menos os artistas com quem me relaciono. Temos essa ideia, de que as nossas obras possam ser universais, e entendíveis por todos. Como se aquilo que sinto e racionalizo fosse um todo e que esse todo fosse passível de ser partilhado.

arqla: A ideia de colecção está também muito presente na sua obra?

APQ: Sim, por muito irritante que isso seja para mim. Odeio colecções e de repente parece que é isso mesmo o que faço.

arqla: Como é que é o seu processo de trabalho? Falou já da fusão entre a arte e a vida. E tem fases nas quais está mais atenta ao que a rodeia?

APQ: Não, eu estou sempre atenta mas, evidentemente, em certos momentos estou ainda mais atenta. Mas partindo do princípio que há uma atenção base, tenho por vezes picos de intensidade.



Ana Pérez Quiroga, "Antes morta que burra", 2005. Instalação. 19 orelhas, feltro, bordado c/ linha algodão, pvc, fio de nylon. Dimensões variáveis, cada orelha, 50 x 35 cm

O que é interessante é que tenho que tropeçar nos objectos. Ainda assim, esses objectos que guardo são uma selecção de uma panóplia de objectos que tenho à disposição. Não me interessam todos, existindo uns que selecciono a título de *souvenirs*, de apontamentos. É um trabalho que está muito relacionado com a memória e com a lembrança, sobretudo no seu sentido de oferenda. É um eleição que se situa no plano estético-afectivo.

arqla: Algumas das linhas do seu trabalho remetem-nos para o conceptualismo. Por exemplo, a ideia de catalogação, de arquivo. Como se situa em relação a esse legado?

APQ: Na verdade estou muita próxima do conceptualismo mas não é uma coisa que deseje. É como se existisse em mim dois mundos, um muito conceptual, outro muito plástico e desejasse livrar-me do primeiro. Estou a tentar fugir do conceptual mas não consigo.

arqla: Está a fugir de Duchamp?

APQ: Acho que estou a fugir de Duchamp. Mesmo. Adorava matá-lo. Essa divisão está a tornar-se insuportável. Queria ter uma unidade, queria sentir-me completamente integrada e fundida nas coisas. Ainda assim penso que estou cada vez mais perto de conseguir qualquer coisa, mas isso adquire-se, e não é pela prática, já que o processo não é semelhante a uma prática de bordar, em que progressivamente se vai melhorando. Não é apenas uma perfeição técnica, é uma perfeição em termos de simbiose, conceptual e emocional. Estou mais perto dela e dessa forma seria ideal matar "Duchamp". No dia em que conseguir fazer isso, chegarei lá.

arqla: E em relação a outras referências? Com que artistas se identifica? Sophie Calle?

APQ: Sophie Calle tem obras que gosto muito. É uma pessoa muito sensível. Gostei muito da série "Douleur exquise" que tem algumas peças na exposição do BESart no Museu Colecção Berardo. Mas a obra dela que mais adorei foi o projecto "The Hotel" em que ela esteve a trabalhar durante três semanas como criada num hotel em Veneza. Achei extraordinário. Mas para mim, surpreendente mesmo é a obra de Sugimoto. Acho extraordinário. Naquelas paisagens de mar transmite-se uma serenidade que é impressionante. Há trabalhos que têm tudo e transmitem isso. Também tive essa experiência com James Turrell, com o caminho em que temos um azul ao fundo e apesar de nunca ter estado no vulcão de "Rodén Crater", imagino que seja fabuloso. Essa não é a direcção do que faço, mesmo do ponto de vista plástico, mas este tipo de obras fascinam-me.

arqla: E quais são os artistas em relação aos quais sente maior proximidade e afinidade?

APQ: A Ana Jotta surpreendeu-me com esta última exposição no Espaço Chiado 8. Gostei muito, muito. Depois também achei fantásticas algumas obras de Annette Messager que estavam na Bienal de Veneza de 2005. A artista brasileira Rivane Neuenschwander também tem obras muito boas. A verdade é que interessa-me cada vez mais o processo de instalar um objecto no espaço. Foi por isso que gostei tanto de realizar a série *Vrais objets trouvés*, ou uma reflexão sobre as emoções. Eles estão fechados, cada um irá para seu lado, mas em conjunto, têm uma dinâmica diferente. Quando penso numa obra penso-a enquanto corpo total. Nesse

“Eu estou sempre atenta mas, evidentemente, em certos momentos estou ainda mais atenta. Mas partindo do princípio que há uma atenção base, tenho por vezes picos de intensidade. O que é interessante é que tenho que tropeçar nos objectos. Ainda assim, esses objectos que guardo são uma selecção de uma panóplia de objectos que tenho à disposição.”

sentido valorizo muito os catálogos, porque dão uma noção da estrutura e do pensamento que lhes atribuo. Essa série de objectos encontrados tem uma coerência plástica, e quando digo plástica, digo muito escultórica. Um objecto é sempre tridimensional, não tem duas dimensões, pois não estamos a falar de uma folha de papel, mas estes objectos passaram a estar emoldurados e assim situam-se quase ao nível da bidimensionalidade. Gosto muito das fronteiras que são muito ténues, e é nelas que gosto de trabalhar. Podemos voltar outra vez ao quotidiano, é nele que nós vivemos e quando eu o alargo para outras fronteiras são fronteiras de caminho. Mas para onde é que nós caminhamos? Sempre para um outro espaço, são sempre espaços. Não é só a moldura que é uma redoma, o espaço também o é. Por sua vez, o espaço também está dentro de uma outra redoma. O nosso mundo contemporâneo também é uma bolha que está dentro de um mundo maior que, na verdade, não tem nada de contemporâneo. São pequenos redutos e interessa-me particularizá-los. Talvez por isso tenho tanta necessidade de datar os objectos. As legendas, esta precisão cronológica também tem a ver com essa mesma vivência dos mundos. De pôr mundo, de conferir qualquer coisa de importante, de permanência ao que nos rodeia. ■



Ana Pérez-Quiroga, “para que me calientes por la noche”, 2002. Instalação. 80 pares de chinelos em tecido de lã, cosidos à mão (exterior branco/ interior vermelho) com texto bordado à vermelho (cada par de chinelos contém um texto diferente), dimensões variáveis. cada par de chinelos, 28 x 21 cm



Ana Pérez-Quiroga, “S/camisas”, 2007. Da série “Vrais objets trouvés, ou uma reflexão sobre as emoções”. Seda, feltro, bordado c/ linha algodão. 61 x 120 cm